

Luís Sacilotto, "Concreção 6048", 1960: a grande revelação da mostra sobre arte concreta no Brasil

Poucas emoções

Em linguagem corrente, é certo que os adjetivos concreto e abstrato são antônimos perfeitos. Mas não em arte. Nesta, por sutilezas filosóficas, quando se fala em concretismo rotula-se na verdade uma das mais bem definidas subdivisões da abstração: a rigorosamente geométrica, sem o mais remoto parentesco à figura feita com cérebro, régua e compasso. No Brasil, ela se desenvolveu há pouco mais de 25 anos, sobretudo após o prêmio concedido, na I Bienal de São Paulo, ao escultor concreto suíço Max Bill.

Já em 1955 o título englobava também a atividade de alguns poetas de vanguarda, cuja intensa movimentação acabou quase por identificar o concretismo com a área poética, e não com a visual. Em dezembro de 1956, poetas, escultores e pintores juntavam seus esforços para uma I Exposição Nacional de Arte Concreta, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, repetida um mês depois no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. E a seguir viria ainda o movimento neoconcreto, nascido no Rio e liderado pelo poeta Ferreira Gullar, defendendo um pouco menos de cerebralismo na criação.

Embora não tenha havido nenhuma intenção comemorativa, é significativo que, pouco mais de vinte anos depois, o concretismo e o neoconcretismo voltem

inesperadamente à tona. O que antes era vanguarda ingressa no status de história. Numa realização conjunta da Pinacoteca do Estado de São Paulo e do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a primeira inaugurou, na semana passada, a mostra "Projeto Construtivo Brasileiro na Arte (1950-1962)", que depois seguirá para o Rio. Como o título indica, os organizadores não pretendem se restringir aos integrantes confessados dos movimentos, admitindo também precursores, epígonos e artistas independentes que mostraram influências ou afinidades com as intenções concretas naquele período.

Postura radical — Ao contrário do que aconteceu com os poetas — Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Augusto de Campos, José Lino Grünewald, Ronaldo Azeredo —, os pintores concretos permaneceram relativamente desconhecidos. Os nomes mais citados na área ou são de independentes com afinidades — como Alfredo Volpi, Milton Dacosta, Maria Leontina, Rubem Valentim —, ou de precursores — como Ivan Serpa, Mary Vieira, Almir Mavignier —, ou ainda de talentos avulsos que depois seguiram trajetórias individuais de raro brilho — como Lygia Clark e Hélio Oiticica. Dos concretistas ao pé da letra, conhecem-se melhor o escultor Franz Weissmann e o pintor Hércules Barsotti. Contudo, mais vinte e tantos outros estão representados na Pinacoteca*. Cabe

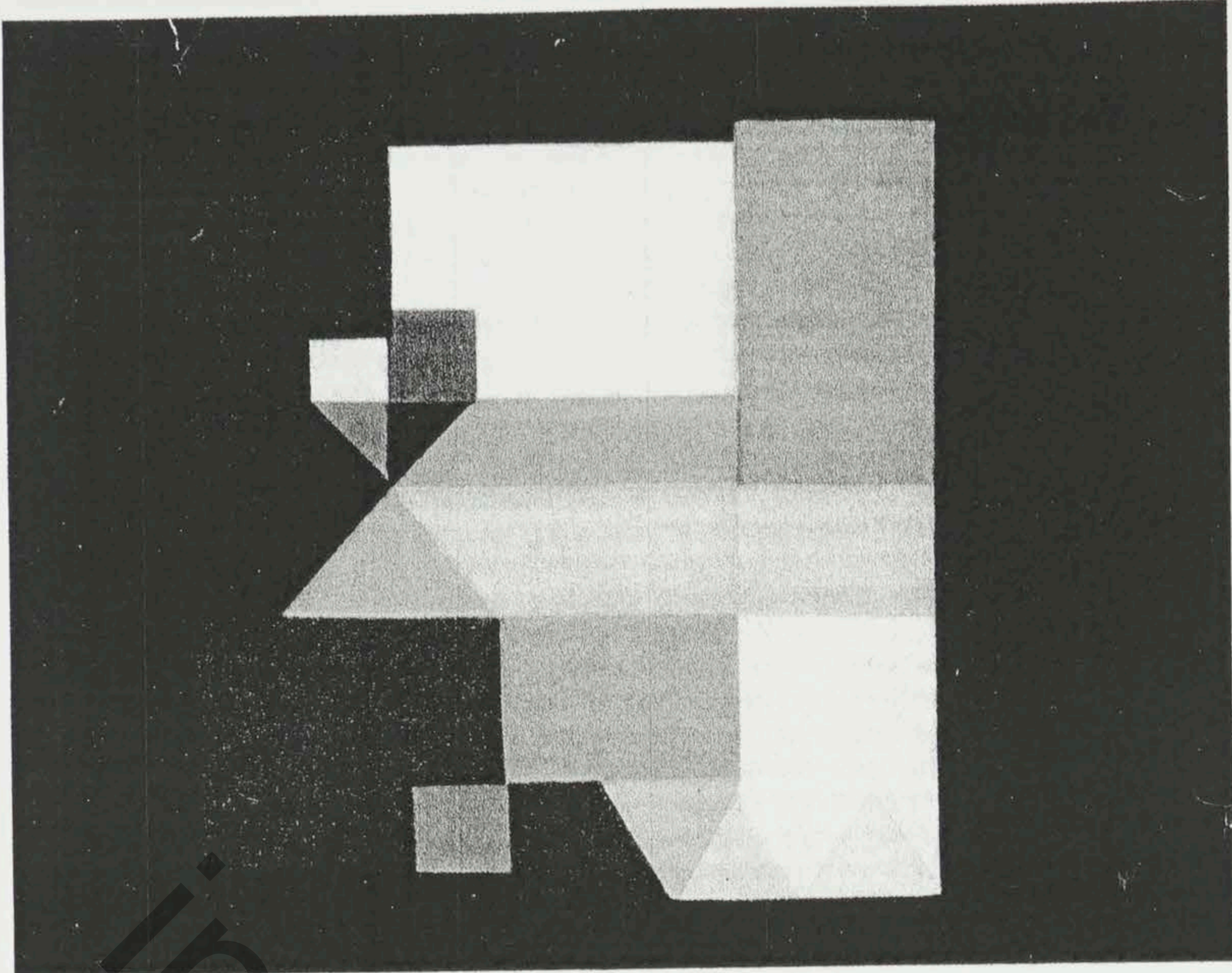
portanto a pergunta: por que não obtiveram o mesmo sucesso dos demais? Por que de um modo geral não conquistaram o mercado e o público?

Em primeiro lugar, provavelmente, porque o concretismo — como se prova com clareza nesta exposição — é uma tendência pouco acessível, já que se desvincula por definição de uma arte portadora de grandes emoções. Um de seus primeiros teóricos, o holandês Theovan Doesburg, chegou a escrever: "A obra de arte não foi criada pelos dedos, nem pelos nervos. A emoção, o sentimento, a sensibilidade, nunca impulsionaram a arte à perfeição. Somente o pensamento (intelecto), com uma velocidade superior à da luz, cria".

Tal postura radical reflete, naturalmente, uma colocação de momento e de arregimentação. Não seria difícil, inclusive, opor-lhe várias outras concepções estéticas nas quais a natureza da arte se

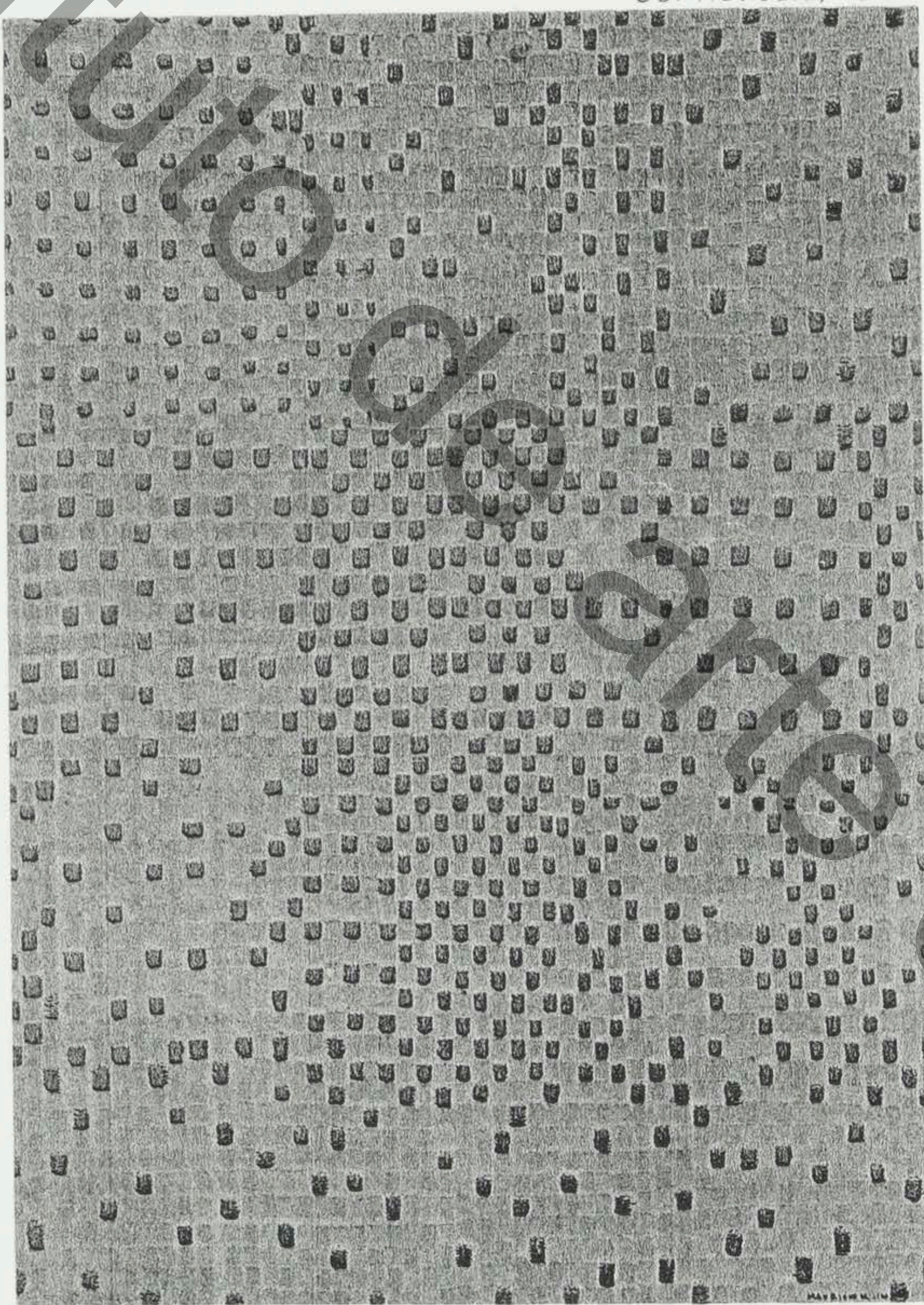
* Têm obras na exposição: Abraham Palatnik, Ivan Serpa, Almir Mavignier, Mary Vieira, Antônio Maluf, Waldemar Cordeiro, Leopold Haar, Luís Sacilotto, Kazmer Fejer, Geraldo de Barros, Alexandre Wollner, Lothar Charoux, Judith Lauand, Maurício Nogueira Lima, Hermelindo Fiamminghi, Willys de Castro, Hércules Barsotti, Heinz Kühn, Anatol Wladyslaw, Alberto Aliberti, Franz Weissmann, Amílcar de Castro, Lygia Clark, Aluísio Carvão, Hélio Oiticica, Lygia Pape, Décio Vieira, Rubem Ludolf, João José da Costa, Dionísio del Santo, Ubi Bava, Alfredo Volpi, Maria Leontina, Rubem Valentim, Milton Dacosta. Complementarmente, há poemas de treze autores e partituras de dois compositores.

(459) Veja 22 Jun. 1977



Maria Leontina
Da Paisagem e do Tempo, 1958

Maurício Nogueira Lima
Cor Reticula, 1961



acha vinculada justamente à expressão de potencialidades afetivas do homem, e não de suas potencialidades racionais (para as quais existiriam a linguagem discursiva, as ciências exatas, e assim por diante). O mais concreto, hoje em dia, seria optar por um justo meio-termo. Não há arte sem ordem, sem estrutura voluntária e definida; mas também não há arte sem emoção, tanto de quem a cria como de quem a contempla. Só nessa circunstância específica se pode estabelecer o diálogo.

Redundância — Parece igualmente claro que no caso do concretismo brasileiro a auto-imposição de uma disciplina resultou, muitas vezes, em uma quase autocastração da criatividade. Numa exposição extensiva e não intensiva como a da Pinacoteca (isto é, muitos artistas com poucas obras cada um), pode-se perceber um inegável nível de redundância, de repetição de idéias, problemas e soluções. Torna-se difícil, às vezes, até distinguir o produto de um artista do de outro. O estilo pessoal se aniquila diante da proposta genérica e teórica. Há exemplos, inclusive, de certos jogos geométricos que acabam se transformando em quase exercícios escolares, como no caso da pintora Judith Lauand. Se o intuito confessado na escola foi não se imiscuir com o sentimento, a artista o cumpre à perfeição.

Igualmente pouco significativa é a amostragem de um dos "papas" do concretismo paulista, Hermelindo Fiamminghi. Como quase todos os concretistas de São Paulo, aliás, Fiamminghi acabou se dedicando sobretudo a atividades paralelas, como a programação visual, o desenho industrial, a publicidade. Tal atitude corresponderia a uma tendência típica dos artistas dessa cidade, na época, no sentido de se associar à tecnologia, no momento em que se iniciava, em 1955, o ciclo desenvolvimentista do governo Kubitschek.

No entanto, um outro fenômeno curioso acaba se provando, também, na exposição sobre as tendências construtivas no Brasil: dependendo de cada autor, elas são perfeitamente capazes de comover. É o caso, evidentemente, de Volpi, e de um escultor como o mineiro Amílcar de Castro, criador da tendência "minimalista" muito antes que ela se instalasse em todo o mundo. É o caso ainda de praticamente toda a seleção de Lygia Clark, ou dos sensibilíssimos quadros de Maria Leontina, que nunca foi do movimento mas sofreu suas influências. É o caso, finalmente, de Luís Sacilotto, a grande revelação da mostra, e de um brilhante pequeno quadro de Maurício Nogueira Lima, um dos concretistas que permanecem menos conhecidos, numa evidente injustiça com sua produção.

● Olívio Tavares de Araújo

VEJA, 22 DE JUNHO, 1971

Tempo Grãnea